

## **HISTÓRIA PARA QUÊ? ENSINO, COTIDIANO E PERIFERIA**

Leonardo Bentes Rodrigues\*

### **RESUMO**

A reflexão sobre o Ensino de História nas escolas situadas nas periferias é um permanente desafio para os professores, principalmente no que tange a realidade desigual que seus alunos estão imersos perante a sociedade. Ademais, os dilemas dos desafios do cotidiano escolar devem ser enfrentados através de práticas pedagógicas que visem à participação ativa dos alunos. O principal objetivo é analisar o Ensino de História dentro de um ambiente escolar inserido numa realidade de periferia. Por fim, apresentar a proposta da elaboração de um material didático em forma de manual através da construção conjunta de conceitos históricos, visando o entendimento da disciplina de História de uma forma crítica, ativa e compreensível.

**Palavras – chaves:** Ensino; História; Conceitos.

### **INTRODUÇÃO**

Através da proposta avaliativa de uma disciplina de Prática Integrada do Departamento de História da Universidade Federal do Amazonas (UFAM), propomos de organizar um projeto de material didático que pudesse dar apoio ao livro didático, pois sabemos que muitas vezes durante a explicação do conteúdo dado em sala de aula ainda restam dúvidas em relação ao conceito de uma ou outra palavra abordada durante a aula de História. Deste modo, concretizamos um mini manual de conceitos históricos, no qual intitulamos de: “*História Para quê?*”.

O principal objetivo deste material didático é proporcionar ao aluno um melhor entendimento acerca dos principais conceitos históricos abordados no livro didático durante a aula, possibilitando ao aluno uma melhor compreensão da História de maneira didática e participativa. O material didático consistiu em dois volumes: 1. Ensino Fundamental (8ª e 9ª anos) com a temática da História do Brasil Colonial; 2. Ensino Médio com a temática da História da Amazônia.

---

\* Graduando em História pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Bolsista de Iniciação Científica pelo Programa Nacional de Cooperação Acadêmica (PROCAD/CAPES). Email: leobentesr@gmail.com

O projeto foi idealizado durante o estágio supervisionado, de modo que pudemos perceber o cotidiano escolar e as principais debilidades do ensino da História no ambiente escolar. O primeiro volume foi desenvolvido a partir dos questionamentos e realidades do acompanhamento em sala de aula dos alunos dos oitavos anos da Escola Municipal Carolina Perolina Raimunda Almeida, localizado bairro São José, zona leste da cidade de Manaus. Enquanto o segundo volume, foi projetado para oferecer aos alunos do ensino médio uma iniciação aos debates historiográficos em sala de aula com a discussão e reflexão da historiografia regional (neste caso de História da Amazônia). Ambos os volumes oferecem aos alunos uma visão crítica da sociedade através do aprendizado dos conceitos e realização de atividades em conjunto.

Por fim, o grande desafio da construção do material didático é oferecer ao aluno participação no processo de construção do aprendizado em História. Para que isso pudesse ser concretizado foi realizado em sala de aula um exercício onde deveriam escrever três conceitos ao seu próprio entendimento após a explanação da aula feita pelo professor, de maneira que os alunos pudessem tornar-se sujeitos ativos e produtivos em sala. Tudo ocorreu de maneira organizada e pudemos contar com o interesse da maior parte da turma que interagiu da melhor forma possível.

*História para quê?* É o título do nosso mini-manual, bem sugestivo, pois diante da carreira docente o professor certamente ouviu ou ouvirá a indagação de seus alunos acerca da “utilização” da história nas suas carreiras profissionais e no cotidiano. Deste modo, procuramos mostrar que a História é feita por todos: homens, mulheres, crianças, pobres e ricos, dominantes e dominados, intelectuais e pessoas comuns. Estudando História podemos verificar o que estes homens fizeram durante o tempo. Por fim, garantir ao aluno a capacidade de adquirir uma consciência crítica, proporcionando conhecer os fatos e perceber que as transformações da sociedade não são naturais, são resultados de conquistas, lutas e fracassos.

## **AFINAL, HISTÓRIA PARA QUÊ?**

A História é fundamental para o processo de conhecimento, descortinamento do passado e compreensão do presente. Para o historiador francês Marc Bloch, a História é “a ciência dos homens no tempo” (BLOCH, 2001, p.55), pois não devemos olhar apenas o passado, nosso olhar sobre os fatos deve sempre partir do presente, por isso é tão importante estudar História. Com as leituras, exercícios feitos, dúvidas solucionadas, os alunos serão

capazes de adquirir uma consciência crítica, proporcionando conhecer os fatos percebendo as transformações da sociedade. A História é feita por todos: homens, mulheres, crianças, pobres e ricos, dominantes e dominados, intelectuais e pessoas comuns.

Circe Bittencourt (2009) afirma que o primeiro desafio para quem ensina História é justamente explicitar a razão da disciplina, considera que na atualidade estamos diante de um momento importante onde métodos e conteúdos da disciplina de História estão sendo reelaborados conjuntamente. Sendo assim, entendemos que é preciso inserir durante as aulas, a perspectiva de que o próprio aluno participa da construção da História, é necessário lembrá-lo que é um membro ativo na constituição do aprendizado histórico. É neste contexto que o aprendizado em torno dos conceitos históricos é fundamental, pois o conceito é algo que é construído.

“A História tem mobilizado ações concretas, influenciado pessoas e levado a novos projetos” (ALMEIDA NETO, 2011, p.222). Imbuídos por este sentimento concretizamos o projeto “*História para quê?*” consistindo na elaboração de um mini-manual de conceitos que pudesse também ser elaborado pelos alunos, deste modo passamos a acompanhar o cotidiano escolar buscando incitar a construção do conceito pelo próprio aluno, afim de que possa sentir sua participação “no processo de fazer, do construir a História” (SCHMIDT, 2009, p.57). Além de incitá-los ao conhecimento crítico e construtivo.

Sabemos que a História nos oferece a oportunidade de estudar os homens no tempo, isso é fundamental para a construção crítica do aluno, pois, é possível perceber o quanto querem estar presente no entendimento das presentes discussões ou grande curiosidade por fatos passados que permanecem no fascínio de suas indagações, é neste momento que o professor deve traçar uma ponte entre presente e passado.

A aula de História é o momento em que, ciente do conhecimento que possui, o professor pode oferecer a seu aluno a apropriação do conhecimento histórico existente, através de um esforço e de uma atividade com a qual ele retome a atividade que edificou esse conhecimento (Ibidem).

De acordo com Antonio Neto, o professor deve sentir-se um agente transformador, exercendo o seu dever na sociedade e conscientizando os seus alunos através de um ensino de história crítica (NETO, 2011, p.222). Porém, o aluno não pode tornar-se um “agente passivo”

na relação de aprendizado entre professor e aluno, é necessário incitar e proporcionar em sala de aula uma visão participativa e inclusiva no ensino da História.

Por fim, “A história está presente não apenas na nossa sociedade como uma disciplina universitária, mas em grupo de pessoas e do público” (PROST, 2008, p.33). O estudo da história é fundamental para entender o movimento e a diversidade, possibilitando comparações entre grupos e sociedades nos diversos tempos e espaços. Enfim a história ensina a ter respeito pela diferença, possibilitando entender o mundo em que vivemos. Destarte, a própria disciplina de História é fundamental no processo pedagógico, pois incentiva ao aluno conhecer a sociedade em que vive e conseqüentemente formar uma opinião crítica de sua vivência.

### **ENSINO: A CONSTRUÇÃO DOS CONCEITOS.**

A própria ideia da organização do mini manual passou pela possibilidade dos alunos, juntamente com o professor, construírem os conceitos históricos abordados em sala de aula. Pois, “um trabalho sistematizado com os conceitos históricos pode contribuir para que alunos e professores realizem uma leitura mais reflexiva e crítica dos documentos e conteúdos históricos” (SCHMIDT, 1999, p.163). Desta forma, o professor de História ensina os alunos a adquirir ferramentas próprias para o estudo, “o saber – fazer, o saber – fazer – bem, lançar os germes do histórico” (Idem, 2009, p. 57), proporcionando ao aluno um momento de levantar problemas em sala de aula, conforme afirma Maria Schmidt (2009) transformando os temas da aula de História num momento de discussões das problemáticas.

Entretanto, pudemos destacar em sala de aula, durante o estágio supervisionado, que entender os conceitos chaves presentes nos livros didáticos fez-se essencial para o entendimento da temática em geral. É preciso incentivar o uso dos conceitos nas aulas de História, pois, “aprender conceitos não significa acumular definições ou conhecimentos formais, mas construir uma grade que auxilie o aluno na sua interpretação e explicação da realidade social” (Idem, 1999, p.149).

Outra preocupação que tivemos ao organizar o manual foi procurar por imagens que pudessem não só ilustrar os conceitos, mas proporcionar aos alunos uma análise semiótica crítica. As imagens são recursos pedagógicos de fundamental importância, pois os alunos têm a necessidade de “ver as cenas históricas” conforme afirma Circe Bittencourt (2009, p.75) o “objetivo fundamental que justificava ou ainda justifica, a inclusão de imagens nos livros

didáticos em maior número possível, significando que as ilustrações concretizavam a noção altamente abstrata de tempo histórico”. Além disso, buscamos trabalhar também com charges e tirinhas com as temáticas dos conceitos, uma vez que são excelentes recursos pedagógicos para iniciar um debate, problematizar e contextualizar um conceito. A organização dos conceitos se deu apoiado no livro didático<sup>1</sup> utilizado pela professora. Após a explicação do conteúdo em sala de aula, os alunos receberam uma lista de conceitos onde escreveram com suas próprias palavras acerca dos significados de cada conceito abordado em sala.

Esta lista foi utilizada na construção do material didático, proporcionou ao aluno uma construção conjunta e participativa do conhecimento histórico. Através da lista, os alunos passaram a não só exprimir aquilo que entenderam sobre os conceitos principais abordados em sala de aula, sobretudo utilizaram sua imaginação para exprimir seus entendimentos sobre os conceitos, através de desenhos, pinturas e colagens. A utilização desta abordagem possibilitou a constatação de um importante instrumento de aprendizagem para o Ensino de História, pois neste processo lúdico podemos acompanhar o processo cognitivo do aluno.

O segundo volume proposto para o Ensino Médio teve como contribuição central a leitura da historiografia local, incitando aos alunos juntamente com os professores para o debate historiográficos de temáticas locais.

No Brasil, ainda é incipiente esta discussão em sala de aula, mas existe a preocupação de alguns autores que escrevem livros didáticos em apresentar esta nova concepção, permitindo assim ao aluno perceber que a História é um processo e, principalmente, que ele e os demais são agentes e não meros espectadores deste grande filme (MORAES, 2006, p.13).

Entendemos que os alunos do nível médio já são capazes de manter um diálogo inicial com a produção historiográfica local, e por meios das temáticas podem conhecer profundamente sua própria sociedade. A introdução de debates historiográficos através dos principais conceitos históricos, neste caso na Amazônia, é essencial para que o aluno sinta-se capaz de problematizar os principais assuntos de sua sociedade, cultura e fatos políticos. Utilizamos o livro didático “História Geral da Amazônia”<sup>2</sup> do historiador Francisco Jorge,

---

<sup>1</sup> O livro didático de História escolhido é do Projeto Araribá. Cf. PROJETO ARARIBÁ: História / organizadora Editora Moderna. Maria Raquel Apolinário. – 3. ed. – São Paulo: Moderna, 2010.

<sup>2</sup> Cf. SANTOS, Francisco Jorge dos. *História Geral da Amazônia*. 3. ed. Rio de Janeiro: MEMVAVMEM, 2009.

pois este livro destaca-se pela presença da discussão historiográfica, além de debater com fontes históricas.

### **COTIDIANO E PERIFERIA.**

Durante cerca de um mês acompanhamos a trajetória de alunos da escola Carolina Perolina. A série e turmas escolhidas foram dos oitavos anos. Pudemos observar ao longo dos dias o desenvolvimento de jovens alunos em sala de aula. Alguns com mais interesse que outros, uns com dificuldade de concentração. Um “caldeirão” de ideias.

Foi notável a necessidade de entendimento entre as diversas disciplinas. Interpretação de texto, leitura de mapas; essas foram algumas das dificuldades encontradas pelos alunos em sala. Com isso observamos que a interdisciplinaridade se faz muito importante. Quando há o diálogo entre as disciplinas, certamente a aprendizagem e entendimento do aluno torna-se maior, facilitando assim a sua compreensão e o trabalho do professor de qual matéria seja em sala de aula. O diálogo possibilitado entre as disciplinas torna o acesso ao conhecimento mais palpável, de maneira que um corpo docente que interage torna seu trabalho mais bem estruturado de uma maneira geral e incentiva na qualidade do ensino e aprendizado de seus alunos.

Dentro de sala de aula, as atividades escolares ocorreram de maneira tranquila, possibilitando a interação entre estagiários, alunos e professora. Contamos com a participação de alunos do projeto de PIBID História da Universidade Federal do Amazonas (UFAM)<sup>3</sup>, que se fizeram presentes tanto pelo projeto já iniciado na presente escola quanto para o estágio obrigatório em questão. Logo, os alunos já estavam adaptados com a presença constante de diversos alunos estagiários de História circulando pelas salas de aula.

A professora de História das turmas em questão facilitou o trabalho então desenvolvido e deu o apoio necessário aos estagiários. O que gerou um ambiente agradável em sala de aula e facilitou na hora de fazer as aulas expositivas. Após serem feitas observações nas turmas, para então ver a melhor maneira de expor as aulas, de maneira que não fosse cansativa ou enfadonha aos alunos acostumados com determinada metodologia da professora. Buscou-se não trilhar para muito longe da maneira da professora expor sua aula,

---

<sup>3</sup> O PIBID (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência) oferece aos alunos da graduação a oportunidade de manter o contato através da valorização do magistério nas escolas públicas. Atualmente a Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup> Patrícia Rodrigues Silva (Departamento de História da UFAM) coordena as atividades do programa na área de História.

mas também buscou-se acrescentar algumas abordagens diferenciadas, de maneira que os alunos se interessassem e pudessem ter a sua curiosidade atizada.

A escola atende a um público de alunos da localidade do bairro São José e bairros próximos. Portanto, uma região considerada periférica e marcada por altos índices de desigualdades sociais. No que diz respeito à infraestrutura da escola, sofre com problemas no forro, pois o ambiente em que os alunos lancham é bastante quente, com pouca circulação de ar. Conta com salas de aulas parcialmente climatizadas, pois embora as salas tenham ar condicionados ainda sofrem com o mau funcionamento de alguns. A escola conta com acesso à internet, refeitório, banheiros e água potável.

Todavia, a grande queixa dos alunos é quanto à infraestrutura. Não medem esforços quanto a crítica, isto influencia no desempenho escolar. Num ambiente pouco propício para os estudos, não poderá colher bons desempenhos. Para isso, é necessário que os nossos olhos voltem para a periferia, de modo que a própria História possa lhe servir como ponte para a justiça social.

É para pessoas que, ao longo da história, fora de seu bairro, apenas têm entrado para a história como indivíduos nos registros de nascimento, casamento e morte, Toda sociedade na qual valha a pena viver é uma sociedade que se destina a elas, e não aos ricos, inteligentes e excepcionais, embora toda sociedade em que valha a pena viver deva garantir espaço e propósito para tais minorias. Mas o mundo não é feito para o nosso benefício pessoal, e tampouco estamos no mundo para nosso benefício pessoal. Um mundo que afirme ser esse seu propósito não é bom e não deve ser duradouro (HOBSBAWM, 2013, p.24).

Por fim, a presença da disciplina de História nas periferias educacionais é de extrema importância, pois é com a experiência adquirida nas discussões em sala de aula e a formação de sua “consciência crítica” que poderão questionar as debilidades do processo educacional. Ademais, Circe Bittencourt (2009) considera a constituição de um pensamento crítico como uma meta necessária, visto que “‘posturas críticas dos alunos’ ou ainda ‘estudar o passado para compreender e transformar o presente’ não são objetivos novos” (BITTENCOURT, 2009a, p.19). No entanto, a inovação destes objetivos é devida “a ênfase atual ao papel do ensino de História para a compreensão do ‘sentir-se *sujeito histórico*’ e em sua contribuição para a ‘formação de um *cidadão crítico*’” (Ibidem). Deste modo, o pensamento crítico

transforma o aluno num sujeito histórico, capaz de assimilar a ideia de cidadania social<sup>4</sup>, permitindo perceber as realidades desiguais não só da escola onde estuda, mas a comunidade como um todo.

Em uma sociedade como a nossa em que as desigualdades sociais são gritantes, o compromisso da História seria o de aprofundar esta complexa noção para evitar a banalização do termo. O sentido político da questão da cidadania deve explicitar a relação entre o papel do indivíduo e o da coletividade (Ibidem, p.22).

A ideia de cidadania social deve ser inserida dentro dos planos de aulas, na medida em que o professor ao proporcionar um espaço durante a aula possa discutir e dialogar sobre as deficiências do ensino numa periferia educacional, assim semear e ampliar o conceito de cidadania. Por fim, a escola acolhe inúmeros alunos com diversos sonhos, sentimentos e expectativas, mas todos marcados por contrastes sociais no seio de seu próprio cotidiano. O estabelecimento escolar deve ser marcado pelo zelo de um ambiente favorável ao estudo, onde o aluno possa sentir e entender que já não está mais presente num ambiente periférico, esquecido pelas políticas públicas e governamentais. O sentimento envolvido por muitos educadores é válido para quem sentiu o cotidiano escolar das periferias educacionais: somente uma Educação de qualidade poderá criar excelentes e honestos cidadãos.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS.**

Portanto, o trabalho aqui desenvolvido trouxe uma pequena contribuição para o Ensino de História. É fundamental que o aluno possa entender a utilidade da disciplina de História. Cabe aqui também, defender a interdisciplinaridade e a manutenção da infraestrutura escolar para que o aluno possa ter um bom rendimento. Ademais, introduzir temáticas dentro do conteúdo da aula de História acerca da cidadania social é importante para a construção do pensamento crítico do aluno. Perante a sociedade, como sujeito histórico, possa identificar as desigualdades da própria sociedade em que vive, a partir de sua comunidade e do seu cotidiano escolar.

---

<sup>4</sup> Conforme afirma Circe Bittencourt (2009) a ideia de cidadania social envolve “conceitos de igualdades, de justiça, de diferenças, de lutas e de conquistas, de compromissos e rupturas”, no entanto são ainda poucos explorados como propostas dentro do ensino.



A experiência de vivenciar o cotidiano escolar é fundamental para o bom desempenho futuro da profissão do professor de História. Ademais, trabalhar com conceitos em sala de aula é necessário, pois este processo didático proporciona um melhor entendimento da temática abordada em sala de aula, possibilitando a realização de debates em torno da discussão dos próprios conceitos históricos construídos.

O manual *História para quê?* É uma proposta de material didático de apoio para o professor, incentiva o pensamento crítico do aluno através da construção de conceitos, análise semiótica e realização de atividades. A inserção do aluno no processo de construção da História é fundamental para que se sinta um cidadão ativo, participante, e principalmente crítico diante da sociedade.

#### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.**

ALMEIDA NETO, Antonio Simplicio de. *Representações Utópicas no Ensino de História*. São Paulo: Editora Unifesp, 2011.

BITTENCOURT, Circe. *Capitalismo e cidadania nas atuais propostas curriculares de história*. In: BITTENCOURT, Circe. O saber histórico na sala de aula. São Paulo: Contexto, 2009.

\_\_\_\_\_. *Livros Didáticos entre textos e imagens*. In: BITTENCOURT, Circe. O saber histórico na sala de aula. São Paulo: Contexto, 2009.

BLOCH, Marc. *Apologia da História, ou, O ofício de historiador*. Tradução, André Telles. – Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

HOBSBAWM, Eric J. *Sobre História*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

MORAES, Airton. *Historiografia e Ensino de História: algumas reflexões sobre o ensino fundamental*. HISTÓRIA & ENSINO. Londrina, v. 12, p. 9-34 ago. 2006.

PROST, Antoine. *Doze Lições sobre História*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

SCHMIDT, Maria A. *A formação do professor de História e o cotidiano da sala de aula*. In: BITTENCOURT, Circe. O saber histórico na sala de aula. São Paulo: Contexto, 2009.

\_\_\_\_\_. *Construindo conceitos no Ensino de História: “a captura lógica” da realidade social*. Hist, Ensino, Londrina, v5, p. 147 -13, out. 1999.

